Resenha Crítica: Rojo, Roxxane Helena R, Barbosa P. Jacqueline. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos/ Roxane Rojo, Jacqueline Barbosa. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152p. (Série estratégias de ensino n.51)

Cláudio Henrique Costa Bueno[1]
Shirley Eliany Rocha Mattos[2]

O livro aborda conceitos de gêneros discursivos para chegar a uma definição mais detalhada, de alguns dos conceitos envolvidos no estudo dos gêneros de discurso na perspectiva bakhtiniana.

O livro é recomendável para todos os alunos de cursos de letras e professores que tenham interesse em trabalhar o gênero discursivo em sala de aula, visando à importância de levar a prática do letramento para as escolas de ensino médio e instituições públicas. O livro é de 2015 e sua primeira edição é fantástica, pois aborda conceitos essenciais que todo professor deveria conhecer ou ao menos pensar sobre, como multiletramentos, suporte de gêneros e a importância das mídias didáticas para a sala de aula.

Roxxane Rojo é graduada em Letras Neolatinas Português- Francês/ Língua e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1974), mestrado (1981) e doutorado (1989) em Línguistica Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez estágio de pós doutorado, em didática de língua materna e professora de Línguistica Aplicada do departamento da Universidade Estadual de Campinas.

Jacqueline Barbosa é Doutora em linguística aplicada ao ensino de línguas, possui mestrado em linguística aplicada ao ensino de línguas e é fonoaudióloga, ambas cursadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

As autoras em seu livro propõem um estudo em relação de que como a questão do discurso, do suporte de gênero, das esferas textuais e da área de hipermodernidade e multiletramentos são importantes para a formação do professor. Concordamos nesse aspecto com a posição das autoras, pois creio que o professor como mediador de conhecimentos deveria abordar leituras que envolvessem e englobassem as tecnologias em sala de aula, pois "o professor como mediador deve estar apto a trabalhar e a mediar

[1] Graduado em Letras pela Universidade de Goiás.
[2] Doutora em Sociolinguística e Docente na Universidade de Goiás.

com as tecnologias", Rojo (2015). Em seu livro "Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos a autora aborda de uma maneira fantástica, essa questão da tecnologia em sala de aula e como os professores sentem certo medo, um certo receio de trabalhar e mediar essas tecnologias.

Além disso, como a autora afirma, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve se complexifica em um determinado campo.

Dessa forma, tudo o que ouvimos e falamos diariamente se acomoda a gêneros discursivos (preexistentes, assim com o que lemos e escrevemos). Nossas atividades que envolvem linguagem, desde as mais cotidianas_ como a mais simples saudação_ até as públicas (de trabalho, artísticas, científicas, jornalísticas etc).

Um exemplo que a autora aborda, faz parte é retirado da esfera escolar (universitária) para dar base à conclusão de que "cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e organização social". Por exemplo, para dar aulas um professor deverá primeiro, organizar um planejamento de curso para a escola na qual trabalha, em seguida, deverá escolher e analisar o material didático com o qual trabalhará com os alunos (livros didáticos, apostilados, fascículos, caderno _dependendo do tipo de escola em que trabalha, que por sua vez, apresenta diversos gêneros inerentes.

O interessante do livro é que ele aborda e faz questionamentos, exemplificando como são importante o uso das mídias didáticas em escolas e salas de aula. O livro também aborda os conceitos entre tipos de texto e gênero de texto, os tipos de texto são classes, categorias de uma gramática de texto, portanto "uma construção teórica" _ que busque classificar os textos com base em suas características linguísticas (léxico, referênciação, sintaxe, relação lógicas de coerência e coesão), tipos e tempos dos verbos, natureza da composição.

Rojo em seu texto, é muito atenciosa na questão de levar as mídias didáticas para a sala de aula, o interessante deste livro são os apontamentos que a autora faz, na questão da definição de aula. "Para ser uma aula o professor necessariamente não precisa passar um exercício ou tarefa para casa, pode ser a discussão de um texto, um debate ou até mesmo um pensamento reflexivo que o autor aborda e discute.

Rojo reflete em seu livro que o mundo mudou muito de acordo com as novas tecnologias da educação e que vivemos em constantes mudanças e atualizações, refutando o principal argumento de cultura na modernidade. “A hipercomplexidade é marcada por uma lógica paradoxal” (Charles, 2009). A ausência de um projeto político mais consistente faz com que um mesmo sujeito possa ser, ao mesmo tempo conservador e progressista frente a um mesmo escopo de questão: por exemplo, pode apoiar ou lutar pela sua libertação sexual e ser contra o casamento homossexual.

Rojo argumenta suas críticas também perante a Web 2.0, onde ela refere-se a internet como mudança do fluxo de comunicação e ,e em tese, acaba com a cisão produtores/ leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, originando o que Rojo (2013) denomina *lautor*.

O livro denomina uma alta crítica sobre tecnologia e cultura nas redes, procedimentos práticas e gêneros em circulação. A facilidade e precisão na busca de informação/ conteúdo depende em parte, da indexação desse conteúdo. Ou seja, de acordo com as formas que os conteúdos são viabilizados dentro das redes da web.

Entretanto os exemplos que o livro se aplica, são muito bem contextualizados e dinamizados, por meio de exercícios, discussões e reflexões sobre a formação do professor e o que o professor de línguas estrangeiras tem que levar para a escola e para a sala de aula. Sempre é importante analisar as competências deste profissional e como ele está desenvolvendo e traçando seus caminhos. O livro questiona o exercício da profissão de ser professor, Rojo aborda que ser professor não é uma tarefa fácil, mas sim desgastante e cansativa, com muito trabalho, esforço e reflexão. Mas ele impacta para os que seguem a profissão ou visam à carreira acadêmica de professor pesquisador, não adianta você apenas lecionar, ou ministrar aulas. Rojo aborda a questão da produção científica e a importância da pesquisa nas universidades, o impacto dos gêneros discursivos e a questão dos multiletramentos em sala de aula.

Lembrando que quando Rojo afirma a questão do multiletramentos, ela não aborda apenas a questão de saber se comunicar, ou de saber ensinar línguas. Mas qualquer mídia ou suporte de gênero que pode ajudar o professor com suas pesquisas em sala de aula.

O primeiro dos quatro capítulos deste livro tem por objetivo definir o que são “gêneros discursivos”, estabelecendo um entendimento básico das principais ideias bakhtinianas que tratam dos gêneros, com o intuito de questionar sobre o gênero. Em seguida diferencia-se “gêneros de discurso” de “tipos de texto” e dos “textos” ou

enunciados propriamente ditos. O livro passa então, a fazer um breve histórico das reflexões acumuladas pela humanidade a respeito dos gêneros textuais.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, no Capítulo I Rojo aborda muito bem essa questão do gênero dos discursos e a variedade virtual da atividade humana, que é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Ou seja, conforme o nosso cotidiano se modifica, os gêneros vão se solidificando e a nossa esfera aumenta, os textos, os recursos didáticos, as poesias, as diversas formas de levar as produções textuais em sala de aula.

O livro é fantástico nesse aspecto, como futuro professor penso que não se basta apenas ficar lecionando em sala, o desenvolvimento da pesquisa é essencial para a formação do professor. Todo professor deveria trabalhar com pesquisa científica, ou ao menos tentar levar as pesquisas para as suas escolas onde trabalham ou lecionam, faço este contraponto em relação ao livro, pois Rojo (2015) reflete que "não se basta a estudar os gêneros do discurso apenas por estudar, mas desenvolver suas esferas e ir além do lecionar, mas sim o questionar". Afinal, porque eu devo ensinar gênero textual ou os gêneros discursivos para os meus alunos, se não for para mostrar que eles podem utilizar para ir além da sala de aula.

Um capítulo extremamente importante desse livro, seria o capítulo II, pois nossa vida não é apenas feitas por pessoas e objetos, mas sim perante as relações que construímos sobre esses objetos como afirma a autora.

Além disso, o segundo capítulo tem por objetivo discutir de que maneira os gêneros discursivos integram as práticas sociais e são por elas gerados e formatados. Para tal, primeiramente, apresentamos o que são e como se definem as práticas sociais, a partir do conceito marxista de práxis, acrescentando que toda práxis exige uma ética.

O livro aborda também os conceitos de "campo" e de "habitus", de Bourdieu, relacionando-os ao de esfera de comunicação. Em seguida, esclarecemos as relações entre os gêneros discursivos e as esferas, campos da atividade humana na obra bakhtiniana e discutimos a diversidade dessas esferas e dos gêneros.

Penso e reflito que, por mais que na maioria das vezes nós não queiramos nos comunicar ou guardamos certo receio de aceitar a ideologia do outro, de respeitar o pensamento do outro, mas penso que é necessário fazer isso. Apenas com a nossa mentalidade e reflexão que podemos transformar o mundo e nossas ações. A vida é

composta de pensamentos e atitudes, que sempre nos ocasionaram uma consequência. Na vida você não é obrigado a ter filhos por exemplo, muito menos a construir uma família, mas se caso você tome esta opção, haverá um discurso ou uma prática social empenhada por trás, Rojo neste capítulo é extremamente sabia em questão de refletir sobre as práticas sociais. Ou até mesmo em pensar em coisas que ninguém repara em nosso cotidiano ou no nosso dia-a-dia, sendo assim como afirma Konder (2003:1):

Na práxis, o sujeito age conforme pensa, projeta seus objetivos, assume seus riscos, carece de conhecimentos e a prática "pede" teoria, as decisões precisam ter algum fundamento consciente, as escolhas devem poder ser justificadas.

Como Konder afirma nós somos seres totalmente responsáveis por nossas ações pensamentos e riscos, mas a prática da vida pede teoria. Penso que é necessário ter um senso de criticidade e não se acreditar em tudo o que diz ou o que os outros pensam, se não, não haveria necessidade do desenvolvimento de teorias e pesquisas e estudo acadêmico. Tudo ficaria invalido, perdido e inóspito.

Em contraponto a este capítulo me questiono de como o desenvolvimento do ensino e dado perante as escolas, além de que como professor e pesquisador muita das vezes fui chamado em atenção e até mesmo demitido, por defender ideologias de gênero na escola, ou discutir e refletir com os meus alunos, problemas científicos, questões da sexualidade e causas que poderiam ser debatidas da sociedade, que pessoas iletradas, antagônicas e desprovidas de uma mentalidade libertadora não discutem. Quantas das vezes em sala de aula não ouvimos que porventura o correto seria começar uma aula com oração e acalmar meus alunos, que o ensino de escola tem que ser totalmente inserido por meio de regras e seguidos sem refletir. Nesse aspecto, "colaboro do mesmo pensamento da fala de Rojo (2015) p. 56" que as esferas das atividades humanas e sociais, como os campos da ciência, da técnica, da sexualidade e da arte" devem ser discutidos na sociedade. Se não qual seria o verdadeiro sentido de anos de estudo? E porque não questionar as coisas? Pensar, criticar, refletir e tentar solucionar problemas que ninguém pensa ou reflete, ou desenvolve.

No capítulo III, Rojo afirma que p. 92. "Todo enunciado __ oral ou escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva__ é individual, e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve, isto é, pode ter estilo individual).

Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual.

Além disso, o capítulo terceiro tem por objetivo caracterizar como se organizam os gêneros discursivos, definindo seus elementos integrantes (temas, forma de composição e estilo) e exemplificando suas regularidades. Também a flexibilidade dos gêneros é abordada, apresentando-se os conceitos de “intercalação” e de “hibridismo”, na obra de Bakthin, como mecanismos privilegiados de flexibilização dos textos, nos gêneros de discurso.

Ou seja, boa parte dos gêneros textuais reproduzidos por meio do recurso da fala ou da escrita é de origem individualizados, contudo nem todos os gêneros são compostos perante este reflexo individual, como seria o caso dos “outdoors, blogs e websites”, onde há um compartilhamento público onde todos possam ter acesso às informações.

No capítulo IV, Rojo aborda as mudanças que os gêneros do discurso passaram e as formas de multiletramentos em uma escala progressiva que os gêneros abordam, neste capítulo discute-se, as mudanças pelas quais o mundo passou na hipermodernidade, em especial nas maneiras de participação e interação social e, consequentemente, nas formas de enunciar os textos.

Por ventura no capítulo final a autora discute as mudanças pelas quais o mundo passou na hipermodernidade, em especial nas maneiras de participação e interação social e, consequentemente, nas formas de enunciar e nos textos.

Discutimos também as novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e as culturas em rede, características da hipermodernidade, e os multiletramentos e novos letramentos por elas desencadeados, focando seus procedimentos, gêneros e ferramentas.

Esse capítulo se encerra levando alguns questionamentos de como pode ser a escola contemporânea, sobretudo no ensino de língua/ linguagens, fazer em face de essas mudanças na direção da formação de usuários críticos e éticos.

Concluindo, penso que é um livro acadêmico que merece um bom destaque pois, o texto apresenta boas qualidades didáticas, seguida de sínteses, de boas referências para o aprofundamento dos estudos e de um conjunto de atividades para uma aproximação dos temas de cada capítulo por outra visada. È um livro muito bom, onde todo professor deveria ler, pois ela dá dicas de como estimular o pensamento crítico e reflexivo com os seus alunos. Como professores e de uma pessoa que já teve experiências, em escolas, centro de idiomas, colégios de estado, minicursos em faculdades particulares e públicas pensamos que seria interessante, debatermos estes temas como gênero, sexualidade,

respeito pela cor, raça ou opção sexual do outro, introduzindo estes debates por meio de mídias didáticas e maneiras diferenciadas de estimular o pensamento com os alunos. Pensamos, que como o livro aborda ser professor não é nem será uma tarefa fácil, mas ser professor é muito mais do que lecionar. È produzir ciência, conhecimento. E trabalhar o pensamento crítico com os alunos, é pensar no outro.

Daqui algum tempo estaremos em sala de aula, além de escolas públicas, faculdades, gosto da profissão de professor e sempre haverá muito o que lutar e o que melhorar. Mas reflito com a autora aponta em seu livro, que na era que vivemos é essencial não apenas trabalhar o discurso com os alunos, mas também o multiletramento, as produções textuais e os diversos tipos de gêneros presentes que não é feito no mundo escolar e são poucas as universidades que atuam com esta prática.

A questão é que como professor penso que nem sempre é fácil ensinar para quem não quer aprender, como afirmar Rojo para o aprendizado ser estimulado, o aluno precisa se abrir ao conhecimento. Além disso, Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos, são um livro onde merece destaque as qualidades didáticas do texto: a exposição clara (sempre muito bem exemplificada), seguida de sínteses, de boas referências para o aprofundamento dos estudos e de um conjunto de atividades para uma aproximação dos temas de cada capítulo por outra visada. Resumidamente o livro é um belo curso com quatro aulas magnas, onde faz as teorias desafiarem continuamente a vida.

Referências:

Charles, S. *Cartas sobre a hipermodernidade ou o hipermoderno explicado as crianças*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

Konder, L. *A dialética e o marxismo*. Disponível em: http:// port.pravda.ru/ sociedade/cultura/ 09-09-2009/27936/-dialecticamarx-0. Acesso em: 29 set. 2014.

Rojo R. *Letramento e diversidade textual: a abordagem dos gêneros na escola*. Texto inédito de divulgação científica elaborado para o programa salto para o futuro. Rio de Janeiro: TVE/ Mec, 2004. 109 p.

Rojo R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e linguagens na escola. In: Rojo, R, Moura, E. (org.) Multiletamentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 56 p.